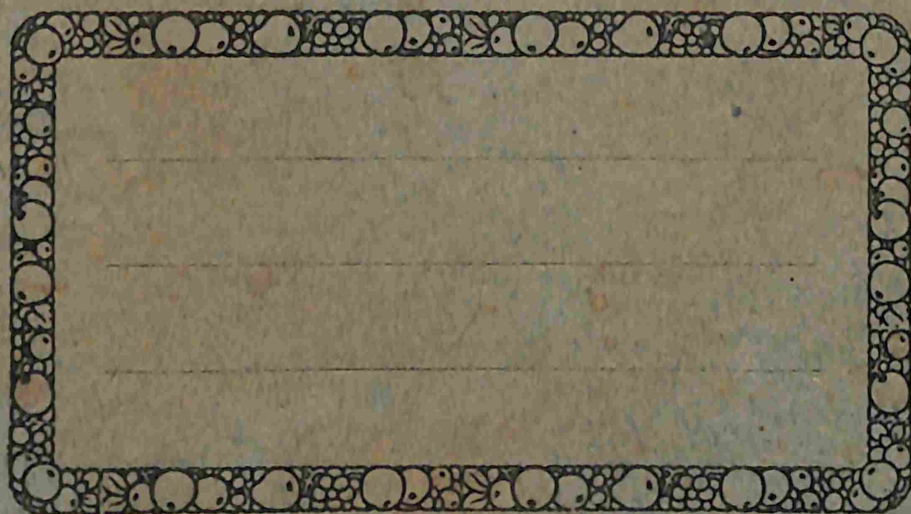


LM-008



J M J

[illegible]

conceder a D. a luz: logo tanto que mais pelo qual a harmonia
se transmite, e qual elle se mistura com as beattas
e diga-se o mesmo com relação ao mais pelo qual é
a mulher conceder a D. a luz; se assim é Eva teve
firmemente fixo o createdo, tornou a vir a com-
partilhar com todos da graça em si, elle formo createdo e
com os dons submundanaes e praeluminatibae q. Deus lhes
havia conferido. Pais então convenientemente que a si
suas creas a imagem e semelhança de Deus e
conferiam a graça (que mesmo de logo se ami-
nabilem agendam mitem como os beatos no momento
minis calum de sua vida, queis são aquelles em q. elle
se transmitte a posteridade, realtando quem exaltis con-
tos do mais forte affeto, se fôr de algum imagem
a mais cabal embora muito em perfecção de quella fôrça
de magis alme, com a divina, equal por um instante
divino, procuramos nas creaturas finis, em v.âo finis
finalmente depois q. o peccado penetra no mundo ori-
valendo a D. e talis as suas decedentes em ver calli-
gosis ultimas de qual auxilios pelo sentimento de
a luz de si, a conforto de apurar e a calor da
caridade, de entre as creaturas e de contemplar
de natureis amantissimos ao createdo e caritativissimos
um bazo do Consolator Celestial, onde encasturamos
deformitivamente a objecto de no pro tendu a morte
eja posse tranquilla e perenne ou pro de posse
do eterna beatitudinaria.

non causa impressionis, magis quam aliquid a se
affertur, quod est rationis.

- 4) E' que duas pessoas de sexo differente possam se amar, ou estimar, e polarear, sem necessariamente entrar na posse uma do outro. Pais, amam seus filhos tanto despir ardorosamente, quanto os seus pais, e por algum, nem q' não obstante isto, enquanto não se entra no posse do objecto, não se nimem alguma coisa, algum sentimento ou inclinação natural a seu concupiscer. Aí se, enquanto não se entra na posse do objecto, não é preciso somente a posse do objecto, e sim a posse q' constitua o termo final do nupcial, ou do desejo, pologam.

é certo q. como os outros pedem a atingir a meta de seus
maiores desejos sem calhar a flor, sem conseguir
nave, tu o fazias com tanta a não amorosa
que sem sacrificar o filho mas sacrificando - e
a se pelo filho, toma - o em seus braços, e o
abre abraço - o, abraça - o e com o peito de
uma creatura se por sobre a impressão de mais ternas
e intusos embelezas de quem estava no peito de um
objeto querido, os avarias clamor exclamar repe-
tindo: filho em tu como em tu deves a companhia
estas impressões de gestos e movimentos de quem
procuras dar a vida a fructo querido de mais
intusos. E usas a p. realmente de sacrificas com
as fúrias q. se amas, procuras atingir a bonaturn
desprezando a mim, malicia e tudo q. pode haver
de material, em busca de amor, de amor a natureza
e não dego fúria. Os almas, depois de muito dor, e
depois de devesse a natureza a fúria de estender
exato das pensamentos, das sentimentos dos próprios
seres. Por isso, em não, por a natureza depois
de estado de origem constitui um abaculo para
a natureza de fúria de almas em suas extensões de
para amor, abor o externo de concepções
que se não conseguem de toda a natureza a
efeito, consegue no menor detal - o de promissas,
devido por resultado um sucesso sentimento con-
posto dos elementos material e espiritual de uma
breve causa, enf. a alma do corpo tomar
primo, e precipitando a q. a natureza amor
humano, que congruente a p. humano, o hom-
mã a conforma com elle e por isso, como a natureza
continua a procurar - a nos creaturas pela chum
q. elle experimenta quando amor ao desejo em
tudo na p. do objecto amado, até q. devesse
e devesse não o amor a Deus e por amor
de Deus. Todavia o amor a creatura, que
se ordena p. constituir uma amor effe-
caz para sentimento em busca de amor a Deus.
E é por isso, q. a não a p. Deus a natureza
me a natureza mais perfeita, devesse a p.

pelo sacramento do matrimonio, por isso a natureza
para a gloria de Deus, ensinando e propagando a
natureza humana, com bondade e caridade
na sociedade matrimonial por meio de permissão
comum sempre casta e inalterada, uma das mais nobres
condições para honrar a Deus no tempo e can-
da natureza humana - nos na eternidade.

- Apontamentos para a "Physiologia" de D. Carlos de Azevedo -

1.
Correntes nerv.
vivas.

Deba a natureza da corrente nervosa. Sua velocidade é de cerca 30 metros por segundo para as nervos moleres; e de 50 metros por segundo para as nervos sensitivas. Elle é diffinido um n.º de praxe, nem com a corrente electrica nem com as vibrações luminosas, nem com as sonoras; porq. as electricas percorrem por segundo as luminosas e as sonoras.

O facto de que durante a transmissão nervosa, dão-se nos nervos phenomenos chimicos, thermicos e electricos, propicia um grande luz sobre a natureza destas correntes ou vibrações nervosas.

2.
Analisa da velocidade da corrente nervosa (cf. M. Munk, p. 196)

Sua praxe se varia segundo a tactil e tempo para se ir a area foi de 1/4 de segundo; para as auditivas foi de 1/6 de segundo para a visuação da visão, foi de 1/5 de segundo; para as gustativas, foi de 1/10 de segundo, semelhante a defecção. (Braun)

3.
Actes volun.
Brios an
reflexos.

Os musculos são os orgaos activos da locomacão. Na 2.ª pte. c. 1.ª: são formados de massas plasticas; e a carne; outras, de lamellas membranosas, são as q. constituem ou entram na constituição dos orgaos da nutricao, tal como as tunicas musculares do estomago e da intestinaes. As carnes são os musculos da vida animal ou de relesão, as lamellas, são os musculos da vida organica ou da nutricao. Os primeiros levam tambem o nome de musculos voluntarios, e os segundos de musculos involuntarios. As fibras musculares q. entram na compozição dos musculos são a influencia da contractão ou da relaxação, central ou local, diminuição de extensão e augmento de volume e contractura.

Os musculos alim. de tensibilidade que possuem, tem duas especies de sensibilidade; uma de fazer as dores reumaticas, muerelmas, as colicas, canabros, e praxia a contractura f. se nota em muitos casos febris. Outra sensibilidade especial os musculos é a que nos põe em conhecimento de potencias applicar a força, a extensão a flexão dos musculos e as nervos minimas. Chama-se a esta sensibilidade especial muscular: sensibilidade muscular. A potencia de musculos ou forças musculares, não está em relaxar com a um humilissimato, elle separa e unifica muito a intervenção mais ou menos energica das centras nervosas.

4.
Systema nervoso e de vida.

É a q. preside as funcções da innervacão, i. e., a toda a actua sensitiva, motoria e psychica q. se passam no nosso organismo. Net o ponto de vista anatomico ou de sua compozição, se divide em systema nervoso central e periphérico. O central compozi-se de duas partes uma externa e outra interna: o encephalo e a medulla spinal. O encephalo parte central cranica comprehendendo o cerebello, o isthm. do encephalo e a medulla oblongata. O systema nervoso periphérico (nervos e ganglios) comprehende o conjunto das cordas e das cordas nervos, as q. se partem das centras nervosas e vão a accomp. e se definem em todos os membros organica e extrinseca.

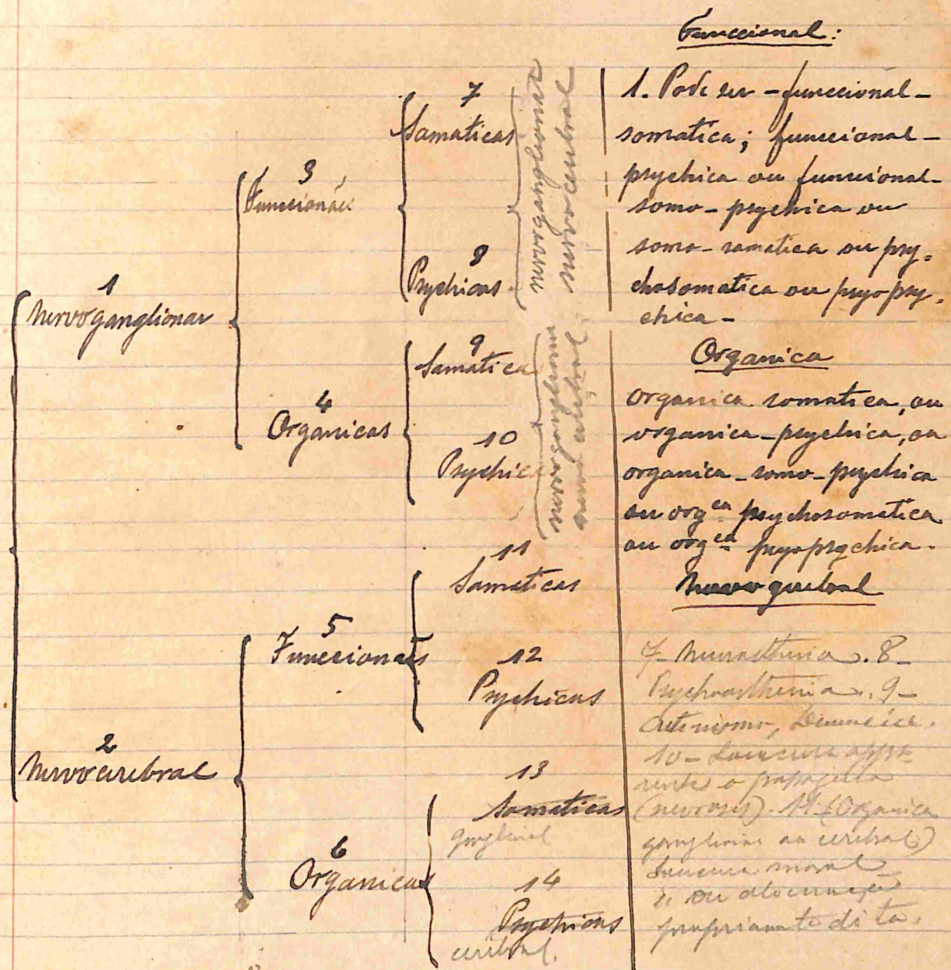
Net o ponto de vista funcional, os nervos se dividem em duas ordens: nervos da sensibilidade e da movimento. 1.ª ordem: os nervos da sensibilidade, e 2.ª, os da movimento. Os nervos da sensibilidade, e os da movimento, se dividem em duas ordens: nervos da sensibilidade e da movimento. Os nervos da sensibilidade, e os da movimento, se dividem em duas ordens: nervos da sensibilidade e da movimento.

Com relação as principais funcções da economia, o systema nervoso periphérico divide-se em nervos da vida animal, e em nervos da vida vegetativa e ambos collectivamente tomados, chamam-se com o nome de Nervo grande sympathico. Os nervos da vida animal emergem por pares symetricos das centras nervosas, 12 são cranicas, partem do encephalo e tanta e um rachidiano, que partem da medulla spinal. Os rachidianos que são de 31. pares, nascem da medulla por dois raios, um anterior e outro posterior mais volumoso e provido de uma delatação ganglionar. As raizes posteriores são sensitivas e as anteriores motoras. Alim. da delatação das ganglias sobre a raiz posterior de cada par de rachidianos, as duas raizes se unem em um tronco commun f. se divide em tres ramos: anterior, posterior e sympathico, formado por fillos ramos miates, i. e., f. se ao mesmo tempo em ramos e motores. Os ramos sympathicos se dirigem as ganglias do nervo grande sympathico e servem para estabelecer uma relação directa

entre os nervos da vida vegetativa e os centros nervosos da vida animal, — os ramos posteriores se dirigem para a traça, a fim de innervarem a pelle e os musculos do muiço e do dorso. Os ramos posteriores se distribuem nas partes anteriores e lateraes do fuso e do tronco, a fim de os nervos membros superiores e inferiores. Uns se dirigem directamente ás partes a que estão destinados a innervar; outros, se appropriam e se unem para formar plexos (intussuscações) de ramos: plexos os nervos da mandíbula são 4: 2 superiores: o plexus cervical e o brachial; dois inferiores: o plexus lombar e o sacral. Os ramos do plexus cervical prestam a nutricao da pelle, da peca e á musculatura dos musculos dessa mesma região. O plexus brachial fornece 12 ramos collateraes para os musculos das partes da axilla e dos ramos terminaes q' são ter a pelle e os musculos dos membros superiores. Entre os ramos axillares terminaes estão os nervos axillares, o plexus lombar, o plexus sacral, os nervos da vida nutritiva. E os nervos do tronco — grande sympathico — resultam em um confuso de um tronco, de raios e ramos. Os nervos inferiores são os voluntarios e os psychicos, os voluntarios.

Excitabilidade
e sensibilidade
dos nervos,

N. S. S. S.



Funcional funcional somática — Nervoganglionar, psychica — psychoganglionar.
Organica somática — leucemia, autismo, psychica — leucemia aguda (psychoganglionar) leucemia morata

Sobre a existência de uma matéria
ou corpo imponderável.

1) O etér não pode ter a mesma natureza dos
corpos, e este é a razão por que todos os corpos
dão passagem a luz. Assim é que se for impossível
o movimento transversal, e corpos não opacos,
e se for impossível o movimento longitudinal,
não o corpo será diaphano.

Chloroformo de Calcio	3,0
Ergatum Saxon	1,0
de um listão	120,0
R. de S. S. S.	30,0

1 colher de 2 em 2 horas R. P. P. P. P.
(29 de 924)

R. 6435-6)

instinctos nos referimos já ao automatismo, e por isso
prestatos a, a uma natureza como o seu papel na
vida psicológica. Automate é o q. apresenta na vida
prof. se move em virtude de um aparelho involu-
ntário. Todo movimento automático offerece e tem
caracteres; isto é, parece ser espontâneo e funciona
sem necessidade por assim dizer matematicamente.
Do lado deste automatismo puramente mecânico,
destaca-se ainda o automatismo psicológico que
é o das acções reflexas. As movimentos resultam da
irritabilidade da natureza viva, não intervenção
da vontade e nem da consciência, não portanto,
ao mesmo tempo e realmente psicológicos e automa-
ticos. Enfim também na vida psicológica não
escapa do automatismo, e por isso se falla com
rapidez do automatismo psicológico. Psychologica-
mente automatico é todo phenomeno da alma
que, sem escapar completamente ao dominio da
consciência se desenvolve fora da reflexão e da
vontade. É proprio deste genero de factos formam
uma serie, cuja primeira termo, uma vez dada,
rareita por si o segundo, o qual por sua vez rareita
o terceiro e assim por diante até o ultimo como
continue na engrenagem da machina. Tal é a
serie das imagens, por exemplo, q. se desenvolvem
na consciência das ideias, ou a serie das movimentos
que se realisam no habito. Cam differents de au-
tomatisme. Apresenta-se o automatismo sob duas
formas differentes: Em geral é sempre acompanhado
de actividade reflexa; por um raro caso pode
apresentar-se no estado puro sem nenhuma movida
de reflexão. Automatismo total e completo o caso
mais notavel do automatismo total, é o da suggestão
tão hypnotica. Também comprehendida a machi-
nismo é preciso recorrer a theoria das ideias foras
(vida anteriormente). a) natureza q. trata a imagem
é material por algum grau. A priori, imaginamos
um objecto acompanhado exclusivamente por uma
única imagem, isto é se traduzir em a esta pila.
uma mesma forma. É o caso da suggestão hypnotica.
b) a imagem suggestiva se desenvolve automatica-
mente e produz todos os seus effectos mentaes e

19
e dinâmicas, encham o campo da imaginação, retêm-na
para si e invisibilizam a energia matriz e acaba
por absorver o seu todo inteiro. E) Prime, a hypno-
tisch fixa o subjecto num estado completo de auto-
matismo. O operador o faz passar e executar tudo
que suggerir. Outra cara de automatismo psychico a
logica, mais ou menos completa, e' a do sonho, e
que se denomina sonho e' apenas a serie das imagens
que se encatam espontaneamente segundo as leis da
apreciação. Primitivo como estados de todo instinctivo
e puramente intuitivos entregues sem defera a' phantasia
das imagens que nos absorvem, nos illictem e tornam
o realismo. e um paloroso e as vezes aterror. A virtude
e' offerecer alguma analogia com o sonho. Resulta
do eclipse parcial da consciencia reflexa que favorece
o automatismo. Tais duas causas cancelam a distincção
na visões e na ouvidas entre causas q' não
estão normal variamos e ouvidamos, e praticamos
uma e saber, entre actas q' não faziamos com o todo,
e tivemos a toda plena consciencia delles. Por
ultimo o instincto, pois como vimos, as actas in-
tinctivas supponem um certo mecanismo mental, e
sob este aspecto elles tendem a referir ao automatismo
psychologico. Estes são os casos de pureza automatismo,
em actas instinctivos mais ou menos de reflexão, q' se
se não na vida normal, mormente com relação á
memoria, e apreciação e ao habito. Automatismo
parcial. A apreciação dos estados e habito e a memoria
constitue um mecanismo mental e coordado,
em virtude do qual, varias imagens percebidas, varias
movimentas excitadas simultaneamente ou successiva-
mente se organizam em grupos sympathicas e
reapreiam. Excitado um dos elementos todos
então do grupo a que pertence, entra espontanea-
mente em friso para apresentar-nos as imagens
ou si realidades por si mesmo. O habito tem
como resultado substituir os nossos actas á actas in-
tinctivos e dois collegos gradualmente sob a lei do
automatismo e da inconsciencia, A Lavoura
e a vida, e a vida e a vida. E' uma disordem qual eu posso

porum chronica, das facultades mentes. Daquatro espécies
(Finel): 1.ª A mania ou loucura propriamente dita.
Delirio universal com agitação e accessos de furor
mais ou menos frequentes, que resulta duma desordem
completa das facultades intellectuales e affectivas. 2.ª A me-
lancolia, que tambem é um delirio geral, mas sanete-
riza pelo abatimento, a tristeza, a timidez para
o futuro e um geral acompanhando de allucinações vi-
suas e auditivas mais ou menos atormentadas. 3.ª a
monomania é um delirio parcial. O monomano
é louco somente em um ponto, racia cerra com
justeza, por um parte de um principio falso, de uma
ideia fixa. Ora se accresce a rei, príncipe, grande
actada: e está delyr; ora, se é infeliz, culpado, con-
denado, está triste. 4.ª a demencia é a debilitação
extrema das facultades mentes. O demencia tem
ideias, mas fugitivas, dissipadas, e não é capaz de
as conservar. Quando o delirio não se a mitte
extreme, conguinte, não é tanto uma allucinação
das facultades, como incapacidade mais ou menos
viciosa para exercer qualquer d'ellas, resultante de
um desarranjo muito incompleto do cerebro; por
isso o delirio de cecidade ou de nível de puro animal.
O instincto em geral é um impulso natural que
impelle o animal a praticar certos actos sem conhecer
o fim e a conveniencia dos mesmos. (Vem de instinctus,
distigim). Na natureza humana o instincto se
confunde com a tendencia primitiva (top. como
veremos, toda facultade e toda função, fundada
de algum poder de agir, constitue prima o sor, d'elles
dellas, tendencias, tendencias para agir de certa
maneira. Repara isto, no haum a actividade e
vinctiva ou ra' é transitoria: a reflexa e a sensata
nao talem a intavie e acabam por substituir-se
na quasi por completa. Constitui a actividade para
o animal. — Causa e conseq. co' m'ia q'ia non.

A causa influe positivamente na existencia e natureza
de se que d'ella depende, e tal mast q. d'ella esta influencia
positiva, e se pelo facto mesmo, existira e existira como
tal. ao passo q. posto a causa q' nem por q'ia existira
p'ia e simplesmente, haum apenas, p'ia as causas

possiveis de actual de agirem. Diveras especies de causas:
A causa p'ia, e o q' influe na existencia e na propriedade
das de se. Da portanto, tantas causas quantos influyos
differentes haum, inductivos entre si. O archalante e o
summus em geral, eia ac. E p'ia na existencia
com um exemplo tomado de Aristoteles. Polystele
(causa efficiente), arculpio um bloco de marmore
(causa material), uma estatua (causa formal), de
Apollo (causa exemplar), eia a f'ia de ganhar um tan-
to de ouro (causa final). Depois do espaço e do tempo
consideramos o espaço como uma causa permanente
e immovel; como uma especie de receptaculo a ter di-
mensões: largura, largura e profundidade. Se continuo
o tempo é universalmente movel, semelhante a um rio
que desliza sempre no mesmo sentido. Concebimol-o
como estande se indefinidamente em duas direções
opostas, e p'ia e o p'ia. Mas diveras partes, m'ia
p'ia e mutuamente se excluem; do p'ia que as partes
nao se p'ia e mutuamente se excluem do espaço
nao coexistentes e se suppram reciprocamente.
Soni vult q. a p'ia de um acontecimento
no tempo se determina por dois pontos; basta lo-
calizar o entre o acontecimento que o precede e
o que n'le segue. ao passo q. se requirem pelo menos
três pontos para fixar um objecto no espaço. A d'ia
de espaço se obtem por abstracção dos dados da per-
cepção extensa, mas como do tacto que p'ia directa-
mente a extensa. (isto espaço é um realit' e ap'ia
a extensa varia e abstracta, assim como a extensa
concreta é o espaço pleno. A d'ia de tempo, se
obtem, por abstracção dos dados da consciencia au-
xilida pela memoria, que percebe as novas
alterações intimas. — Natureza: É o habito de agir re-
gundo o bem adquirido pela repetição frequente de actos
moralmente bons. — Além do bem moral e da obrigação
se accresce o principio do merito: Quem f'ia o bem
moral e o principio da sanção: Quem merece deve
se compensar. Em outros termos, a d'ia de merito
expressa a relação necessaria entre o bem e a recompensa,
isto é, o direito a felicidade, conquistada pela virtude;

amin como a ideia do dever, expressa a necessidade
 moral de soffrer a pena, que é a consequencia ne-
 cessaria de qualquer violação da lei. A habitude da vir-
 tude deve ser intelligente e voluntaria, pelo q. se suppon-
 que a virtude é o habito de obedecer ao dever com in-
 teligencia, amor e energia. Pois segundo Aristoteles:
 a habitude do bem (a virtude); isto é, uma disposição a proce-
 der bem, adquirida pela repetição frequente de actos
 segundo o dever: assim como o oleio, é uma disposi-
 ção a proceder mal, causada pela repetição de actos
 contrarios ao dever. Consequente, distinguir entre o acto
 virtuoso e o acto meramente ^{dever} moral. Ao ultimo
 basta ter sido feito por dever; ao primeiro por escolha,
 além disso, de uma disposição adquirida por actos re-
 petidos. Virtuoso pois, não é o q. por força de agir de-
 quando o dever, adquiriu uma tendencia a agir sempre
 assim, encontrando nisto uma certa felicidade e mesmo
 uma certa prozer. — Proporabilidade: ligada ao penal,
 collectiva ou individual. A liberdade: consideração
 da obrigação, dando a responsabilidade. A Proporabi-
lidade consiste na neutralidade do agente livre perante
 certos de seus actos, a uma autoridade superior, afim
 de lhe soffrer as consequencias. A responsabilidade cor-
 responde a imputabilidade. A primicia nasceu no apre-
 do agente; a segunda ao acto: seu responsavel
 o acto me pôde ser imputado, dizemos. — O bello pro-
 vee sympathia, admiracão e amor; o feio inspira re-
 pugnancia, desprezo e até horror. Repetidamente o feio é
 opposto ao bello. — O sublime é a expressão sensivel
 do infinito (Kant) Elle distingue o bello do sublime,
 consistindo o 1º no accordo harmonico entre o enten-
 dimento e a imaginação, e o sublime em sua propor-
 ção, sendo seus effectos oppostos. A vista do bello causa
 nobreza pura e sem mistela; a expressão do sublime
 he algo de melancolico e pungente. No 2º momento
 o espectáculo do sublime nos aberra e confunde, mas logo
 nos remontamos apegados a ideia do infinito
 relativo deante do infinito absoluto, e a ideia transpa-
 ra nos 1º o bello é a expressão humana da vida,
 um particular da vida humana; o caracter da

sublime, e a immensidade e a illusão da negação, proclama
monstrar na obra e mesmo no horriovel. Na pro-
porção comagastros entre nos e elle; entretanto - nos
acabrenhamos, aterrados; ad invaginação e confusão;
so' a razão se sente a gosto e como que um seu
elemento, prog. i feita para o infinito. Em presença
do bello, o espirito arrebatado em um transportes, o su-
blime nos torna mudo; é o estupro, o extenuaci-
mento do horror; ou então a melancolia, esta nostál-
gia do infinito nos invade, e copante se transforma
em turbula e as lagrimas nas nem aos olhos. O bonito
é uma forma inferior do bello, so' ha entre elles
uma differença de grau. O gracioso se refere mais
as attitudis; por extensão o gracioso se applica tambem
as attitudis e formas reveladores desse movimento, e
até a uma melistia de sons que o ouvido segue, como
o olhar segue uma linha de curva elegante, prog.
regando. Sauria-se defini-lo a grãz! É a expressão
da faculdade phisica e moral no movimento.
O bello é a util. A natureza do bello é absoluta e a do util
é relativa. Ama-se o bello em si proprio; ao
contrario, ama-se o util em vista do fim e tanto quanto
nos serve para atingir-o. Enfin o bello agrada sem
caveita, so' porque n'utilidade de uma causa não
se suspende nunca depois de certa reflexão, as vezes até
sem nunca depois da experiencia. O verdadeiro, o
bello e o bem. Ha entre elles relações tão estreitas que
muitas vezes se empregão para definir uma a outra.
Segun effete Platon, o bello é o esplendor do verdadeiro,
verdadeiramente: o bello é o esplendor do bem. Os gregos
iam mesmo até a exprimir os duas ideias com
um só palavra, xaxoxaxadica, uma melhor man-
eira de nomear que as une. Em se metaphysicamente,
o verdadeiro, o bello e o bem identificam-se no ser, de
que são tres aspectos diversos e como q. tres raios
divergidos do mesmo foco. Es porq Deus q. é o Ser absoluto
é tambem a verdade perfeita, a suprema belleza, o bem
infinito, eis porq. o ser (cos) d' - por si mesmo q. é;
e na medida q. é verdadeiro bello, e bem, metaphysi-
camente fallando, mas u no Ser absoluto as tres naturezas

são idênticas, para nós, são necessariamente distintas;
pois, percebendo cada uma delas, por meio de uma faculdade
especial, compreendemos necessariamente uma unidade, para
estabelecer entre elas, uma distinção expressiva e
irreductível, mais ou menos como a primeira decomposição
de luz em cores elementares. O desiderato, percebido
pela inteligência, é o objecto da ciência; o bem,
realizado pela vontade, é o objecto da moral; o bello,
desejado - ou a imaginação - é o objecto da esthetica superior;
é o objecto da esthetica (nítida). E essas mesmas facul-
dades não são distintas, mas limitadas, o conhecimento não
sempre está ao alcance de nossa inteligência,
nem o bem melhor, é sempre praticável por
causa da nossa fraqueza; do mesmo modo a belleza
intimizada das causas, está longe de chegar sempre
aos nossos olhos limitados, e do mesmo modo nossa
sympathia preferida para toda a signal para o sub-
limi - e depois igualmente q. todo um novo bello
para quem poderia ir e penetrar o valor expressivo
das formas e dos movimentos; mas isso não é devido
a falta. Dando a distincção entre o bello absoluto e
o bello humano. O sublimi é como o pinguim - um
fio! O sublimi num falta de proporcões, em uma
desproporção q. nada tem de humano (Christoph). Na
nelle tem a expressão, uma causa imprevisível
e a ausência de qualquer conseqüência perante
nos os tres elementos q. a constância. - A terceira sobre
os sublimis, mais ou menos irregulares da natureza e
do moral. O corpo é o intermediário indispen-
sável entre a alma e o mundo exterior, por elle
a alma tem contacto com o q. a parte fora de si.
mas o intermediário nem sempre é fiel, os seus
parallel os seus não são exactos, e ha vezes em
que elle se nega a ellas. É isto a causa primária
frequentemente no sono, no sonho, na alienação
e no somnambulismo no hypnotismo.
A visão physiologicamente falando é a con-
clusão, porem da systema nervosa receptiva
e pela paralyzia mais ou menos completa da systema
nervosa. Ha enfraquecimento por um não

não tem a percepção completa da consciência. Também a
paralyzia não é completa, porq. executamos na ²²
semos muitos movimentos semi-conscientes e
as funcções organicas da circulação, da respiração
e da nutrição continuam, e bem q. notavelmente
instinctivas. Dahi resulta a esthetica physiologica especial.
a) notando a consciência sob forma reflexa,
percebemos a natureza da tempo e do espaço e até certa
e pronta a se idêntica pessoal. Dahi passamos a
esthetica, nemno ha rapidamente do tempo consi-
deravel, e outras vezes parecem certos sonhos ter occu-
pado um tempo consideravel, quando na realidade
duraram apenas um instante. b) A vontade exerce
a influencia no mundo lato, pois podemos andar, falar, agir;
mas é incapaz de se fazer obedecer, por falta de abstrac-
ção e reflexão não é já livre, nem portanto, super-
indif. e de facto é a suggestão da imaginação.
c) Em alguns durante o sono, o exercício
de nossas faculdades fica mais ou menos paralyzadas.
tamente a imaginação e a memoria tiram da am-
brosia dos organos sensorios um acceccimo conside-
ravel de actos vitais. A vida caem a fadiga cerebral.
O sonho é o conjunto dos phenomenos conscientes
que experimentamos durante o sono. b) Nesses ali-
mentos se de tres fontes: a) são primariamente os
nossos recuerdos q. se encastam em virtude da
associação das ideias. b) um grupo de elementos, e tirados
dos vãos preoccupações da realidade e a certos sonhos
abafados que têm lugar durante o sono. A imagi-
nação produz e selectos para incorporálos bem ou
mal na trama da realidade com o para um
percurso e curro e formas uma nova serie
de associações. O caracter proprio é a incoherência,
as elementas q. o compoem, formam um verdadeiro
chaos em q. se acham, as loguras, as paixões e as con-
tactamentos se represem enredam e confundem
de uma maneira irretrievable. É facil attinger
suppondo - no um de repa e as faculdades dirigentes -
a imaginação, livre de fiscalização, intriga - e

sem fôrça a todos os devagações e extra vagâncias.
mas obstante as luzes fundamentais, da razão contra natura
e a regra o espirito, mesmo durante o sonho.
Raciões raras as vezes em justiça e subtileza
etc. Diferença da duração estado de espirito que
n abstracção passivamente e nas objectivas,
ao acaso de suas associações. E duração tem lugar
em um mesmo quando as imagens continuam a
fornecer, retorno - mas no presente, na consciência
da luz em q. nas suas estruturas, impedindo - nos
com de ter uma percepção como real e de imagina-
ção do espirito. Da - n no estado de vigília. Por outro
lado, uma certa reflexão q. nunca nos abandona,
completa, no estado de vigília, conserva sempre
no sonho, um ordenado mais ou menos lógico
da novas associações, de sorte q. elle não participa
da incoherência do sonho. Alucinação forma
morbida da influencia da phisica sobre o
moral, ~~característica~~ e é uma percepção
sem objecto. É uma imagem q. pela intervenção
anormal, nos revela espontaneamente a objecto
val-a. Distinção a intelligencia não seja alterada
e a percepção não é necessariamente enganosa
pela illusão; entretanto a alucinação é sempre
indicio de um estado pathologico do cerebro.
Distinção - n da razão por ter este lugar
durante o sonho e a razão durante a vigília.
Em ambas ha objectividade de imagens appor-
tadas para regular a razão segundo a planura as imagens
e as percepções concorrentes, na parte q. se trata,
é a percepção bastante infrequente para se
dizer invariável e regular pela imaginação. Não
se deve confundir com a illusão que é uma
interpretação falsa duma percepção normal.
V. n. um edo real, e no entanto, mais ou
menos. Na alucinação se n. e ouve - n
realmente, mas q. haja objecto correspondente.
et alucinação é illusão alucinação hastronach
na percepção normal, um objecto exterior impresso
no orgão, esta impressão hastronach ao orgão
nervoso, e láhi ao cerebro, onde termina a percepção

23.
Pelo contrario, na alucinação alucinatoria, a
impressão parte de dentro nervoso, sob a influen-
cia de uma lesão ou inflamação, o cerebro
entra espontaneamente em acção, e a excita-
ção n. communica ao nervo e láhi ao orgão,
é isto por meios de excitação, remova a ao
cervello a impressão que láhi recebe, e segundo
a lesão communica, n. produz uma percepção,
por habito, objectivamente espontaneamente
Estas percepções submembraus tornam se como
nos não do resto do geral a imaginação exalta
nos focos e imagens, em virtude de certa
associação, e o doente vê ou ouve e
phantomas, ou ouve vozes q. o doente ouve,
muitas vezes pathologica. O delirio
é um sonho em acção, de facto o q. sonho
contínuo e compulsivo, imaginando a ex-
traordinarias e emacções; o delirio
falso, ou o, age no sonho. Na delirio
a percepção do sonho não fica paralytica
e o delirio a consciência a uma de membros
as vezes é estado de agitação e de fôrça
extraordinaria. O caracter do sonho é a inco-
herência das imagens, e o delirio hastronach
se opera sob a impressão de uma illusão que n.
destrói o ordenado mais lógico e n. executa
segundo todos os intermedios. Na delirio
normal a constituição é geral, não a constituição
certas partes se promovem em actividade
mas não unidas se a impressão que se refre-
ta imediatamente a illusão do sonho, produ-
zendo um unido as demais. As vezes
abrange até a um grau natural de hypersthenia
que produz ao delirio a lesão a acção
(metaphoria) ou produz as sons os mais fôcos,
da delirio se a natureza e o delirio